



O universo poético das pesquisas que realizo nas Artes Visuais é sensibilizado pelo romance *Todos os nomes* (SARAMAGO, 1997), referencial reflexivo que através da história do personagem Sr. José apresenta a potência política que os sujeitos possuem em sua capacidade de invenção. A formação dos indivíduos nas sociedades dá-se pelo contato com diversos poderes instaurados em narrativas e discursos, que, amplamente difundidos, se tornam culturas, crenças e história onde a reprodução de discursos oportunos guia a domesticação para a reprodução de valores, opiniões e condutas a servir poderes que se disfarçam entre histórias de deuses, demônios, heróis, vilões, moedas, interesses etc.

A estratégia desta pesquisa é problematizar as invenções narrativas como discurso de autonomia, e pensar a consciência da invenção como um mecanismo de poder dos sujeitos para sua maior liberdade ou menor submissão social. *Todos os nomes* (SARAMAGO, 1997) aborda as relações de poder e a transformação de um indivíduo que ao inventar problemas fantasiosos se permite experimentar uma realidade incomum, que o despertam de um cotidiano esvaziado de sentidos e emoções. O acesso que o personagem Sr. José tem ao sistema de trabalho que o oprime acaba por facilitar suas maneiras peculiares de modificá-lo. Atitudes de submissão, resignação e de transgressão revelam-se cúmplices do personagem para transformar a ordem vigente, moldando um conflito entre preservar e combater uma tradição, prover e desencadear mudanças no interior do mecanismo o qual se está integrado.

O Sr. José tem uma vida apática como funcionário público do Registro Civil, não questiona, nem aprova ou desaprova, cumpre ordens, e trata de se resignar. Parece ter uma identidade fixada pelas leis da hierarquia social e a aceitá-la como identidade perene. Antes dele, na história, somos apresentados ao funcionamento do espaço da Conservatória Geral de Registro Civil, sua estética e distribuições hierárquicas; quando o protagonista é citado pela primeira vez trata-se de seu chefe lhe ordenando a algo. A casa do Sr. José também se configura como uma extensão física e espiritual da dominação de seu sistema de trabalho. Assim,

ao princípio, um princípio que vinha de muitos séculos atrás, os funcionários residiam na Conservatória Geral. Não propriamente dentro dela, em promiscuidade corporativa, mas numas vivendas simples e rústicas construídas no exterior, ao longo das paredes laterais, como pequenas capelas desamparadas que tivessem ido agarrar-se ao corpo robusto da catedral. As casas dispunham de duas portas, a porta normal, que dava para a rua, e uma porta complementar, discreta, quase invisível, que comunicava com a grande nave dos arquivos, o que naqueles tempos e durante muitos anos foi tido como sumamente benéfico para o bom funcionamento dos serviços, porquanto os funcionários não eram obrigados a perder tempo em deslocações através da cidade nem podiam desculpar-se com o trânsito quando chegavam atrasados à assinatura do ponto. (SARAMAGO, 1997, p. 21)

O Sr. José detinha uma coleção de recortes de notícias de pessoas famosas de seu país. Essa coleção é o que acaba por instigá-lo a vontades que ultrapassam a barreira das concessões entre público e privado. Então, se aproveitando do sistema que promove os instrumentos para sua dominação, primeiramente a porta de comunicação de sua casa à nave de arquivos, o Sr. José decide acessar extraoficialmente as informações oficiais dos arquivos do Registro Civil. Durante o dia executa suas tarefas normais, e, durante a noite,

a inabalável convicção que o chefe da Conservatória Geral alimentava sobre o peso absoluto da sua autoridade, a certeza de que qualquer ordem saída da sua boca seria cumprida com o máximo rigor e o máximo escrúpulo, sem o risco de caprichosas sequelas ou de arbitrárias derivações por parte do subalterno que a recebesse, foram a causa de que a chave da porta de comunicação se tivesse mantido na posse do Sr. José. Que nunca se lembraria de a usar, que nunca viria a retirá-la da gaveta onde a tinha guardado, se não fosse haver chegado à conclusão de que os seus esforços de biógrafo voluntário de pouquíssimo serviram, objectivamente, sem a inclusão duma prova documental, ou sua cópia fiel, da existência, não só real, mas oficial, dos biografados. Imagine agora quem puder o estado de nervos, a excitação com que o Sr. José abriu pela primeira vez a porta proibida. (SARAMAGO, 1997, p. 25)

Após uns alguns dias copiando verbetes de famosos o Sr. José por engano junta um verbete de uma mulher desconhecida ao seu montante. Dá olhos a este acaso, e começa a julgar e posicionar-se de um modo diferente. Se sente envolvido e seu olhar abre uma fenda de identidade, ganha energias moventes, logo, organizar sua coleção de famosos começa a lhe parecer superficial e condicionado ao comum. Essa mulher em forma de verbete desvia a sua atenção das fantasias burocráticas e lhe incita a mergulhar nas fantasias de sua própria autoria.

O Sr. José decide investigar o paradeiro e a vida da desconhecida. Passa a gradualmente, de plano em plano, tomar o poder sobre aquilo que lhe é permitido ou proibido, ele agora se encontra apoiado pela cumplicidade de sua insignificância social e das humildes intenções. Segundo Costa (2012), a transgressão parece ser um fio condutor, nunca abandonado, do qual se pode aceder ao conhecimento, e este é precário, sujeito a constante reformulação; assim, *Todos os Nomes* (SARAMAGO, 1997) põe o leitor frente ao significado da existência sem cansar de interrogá-la.

O Sr. José no decorrer de seu percurso começa a assumir o papel de “sujeito fundante” (FOUCAULT, 1998), e é “encarregado de animar as formas vazias da língua, com suas intenções” (FOUCAULT, 1998, p. 47), e as também formas vazias de sua própria história. Foucault (1998) aponta como “sujeito fundante” aquele que, atravessando a espessura ou a inércia das coisas vazias, reaprende na intuição o sentido que se encontra aí depositado, e funda horizontes de significações que a história logo terá de explicitar (FOUCAULT, 1998, p. 47). Assim, este sujeito atravessa os discursos que o formam para formar seus discursos além destes.

É interessante observar a partir deste romance de Saramago a existência de uma vida burocrática e hierárquica possível de transpor para a realidade de indivíduos de classe média baixa em boa parte das sociedades ocidentais e urbanas. O controle dos sujeitos dá-se buscando a total padronização de suas individualidades, que neste caso fica evidente até nas “vantagens logísticas” das moradias. Costa (2012, p. 22) observa que o Sr. José, ao habitar uma destas casas, está sob a pena de anulação do íntimo, o que mostra a capacidade que as hierarquias possuem para controlar o outro ao limite da descaracterização. Assim, os funcionários da Conservatória vão desenvolvendo mediante seu objeto de trabalho um desestímulo às expectativas de futuro,

ao princípio esses processos excitam, nos funcionários, a curiosidade profissional, mas não tarda muito que comecem a despertar neles impaciências, como se a descarada teimosia dos macróbios estivesse a reduzir-lhes, a comer-lhes, a devorar-lhes, as suas próprias perspectivas de vida. (SARAMAGO, 1997, p. 16)

As instituições costumam nos fazer crer na existência de um “verdadeiro” — o que Foucault designa como grupo de discursos que obedecem as regras de uma “polícia” discursiva vigente em dado período histórico (FOUCAULT, 1998) — que é sempre conveniente aos poderes vigentes, onde a lógica operante, apesar da pluralidade pós-moderna, ainda persiste nas verdades rígidas, dualistas, maniqueístas e “aptas” para todo tipo de juízo de valor. Foucault (1998) considera:

certamente, se nos situamos no nível de uma proposição, no interior de um discurso, a separação entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta. Mas se nos situamos em outra escala, se levantamos a questão de saber qual foi, qual é constantemente, através de nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se. (FOUCAULT, 1998, p. 14)

Há três procedimentos de exclusão e limitação do discurso segundo Foucault (1998), ainda compatíveis em nossa tradição e sociedade: a *interdição*, relacionada à palavra proibida e ao discurso privilegiado; a *rejeição*, dada entre a razão e a loucura; e a *vontade de verdade*, busca pela validação no âmbito do “verdadeiro” (FOUCAULT, 1998). O Sr. José parece ser um alvo potencial destes três procedimentos de exclusão através de seu posicionamento hierárquico, já que sofre a interdição da palavra, jamais estando ao nível do discurso privilegiado, assim como qualquer tentativa de explicação de suas transgressões seria completamente rejeitada, dada a separação instituída entre razão e loucura, e, no âmbito do “verdadeiro”, sua vontade de verdade seria indisciplinada e inadequada.

Foucault (2011) aponta que as disciplinas são métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo e a sujeição constante de suas forças impondo uma relação de docilidade-utilidade. O corpo humano

entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe; uma “anatomia política” e “mecânica do poder” define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não somente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer. A disciplina, para Foucault (2011), fabrica corpos submissos, aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência),

ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (FOUCAULT, 2011, p. 133).

Este romance faz pensar os sistemas de produção e invenção das justificativas que potencializam e instrumentalizam as bases aceitas como verdade e realidade. A mudança de olhar do sujeito Sr. José em relação às leis e normas se dá através de um motivo que poderia ser alvo de riso ou interpretações de desequilíbrio mental, mas é uma invenção pessoal que o ajuda a transgredir um modelo de vida inerte. Em um tribunal Sr. José seria julgado um infrator; talvez infrações amenizadas, por suas intenções que adentram um pouco o campo da loucura ou imaginação demasiada fértil; talvez, julgadas gravíssimas, pelo perigoso fato de um sujeito simplesmente ignorar os julgamentos sociais sem lhe dever valor superior. O narrador indica a transformação do personagem, que, ao gripar-se após a invasão da escola da infância da mulher desconhecida, vai para casa, toma um banho,

(...) sentia-se retemperado, como novo, mas assim que se enfiou na cama voltaram-lhe as tremuras, foi nessa altura que se lembrou de abrir a gaveta da mesa-de-cabeceira, onde guardava o termómetro, daí a pouco dizia, Trinta e nove, se amanhã de manhã estiver como estou agora não poderei ir trabalhar. Fosse por efeito da febre ou da fadiga, ou de ambos, este pensamento não o inquietou, não lhe pareceu estranha a irregular ideia de faltar ao serviço, neste momento o Sr. José não parecia ser o Sr. José, ou eram dois os Srs. Josés que se encontravam deitados na cama, com o cobertor puxado até ao nariz, um Sr. José que perdesse o sentido das responsabilidades, outro Sr. José para quem isso se tornara totalmente indiferente. (SARAMAGO, 1997, p. 118-119)

Segundo Costa (2012) à Conservatória cabe a autoridade de garantir que os auxiliares de escrita permaneçam subjugados a uma disciplina onde o trabalho cerceia a liberdade individual e institui uma obediência coletiva, robotizados, escravizados; assim, o ritmo de trabalho retira-lhes a autonomia exigível para questionarem, decidirem, transgredirem: não há desvios (COSTA, 2012, p. 12-15, passim). Foucault (2011) afirma que o castigo disciplinar tem como função reduzir os desvios e é menos uma vingança da lei ultrajada do que sua repetição e insistência redobrada, “castigar é exercitar” (FOUCAULT, 2011, p. 173).

Aplico-lhe um dia de suspensão, E a suspensão, senhor, é só de salário, ou também é de serviço, perguntou o Sr. José, vendo acender-se um vislumbre de esperança, De salário, de salário, o serviço não pode ser



mais prejudicado do que já foi, ainda há pouco tempo lhe dei meia hora de folga, não me diga que esperava que o seu mau comportamento fosse premiado com um dia inteiro, Não senhor, Desejo, para seu bem, que lhe sirva de emenda, que volte rapidamente a ser o funcionário correcto que era antes, no interesse desta Conservatória Geral, Sim senhor, Nada mais, regresse ao seu lugar. Desesperado, levando os nervos desfeitos, quase em lágrimas, o Sr. José foi para onde o mandaram. Durante os poucos minutos que havia durado a difícil conversação com o chefe, o trabalho acumulara-se na sua mesa, como se os outros auxiliares de escrita, seus colegas, aproveitando-se da periclitante situação disciplinar em que o viam, tivessem também querido, por sua própria conta, castigá-lo. Além disso, umas quantas pessoas esperavam a sua vez de serem atendidas. Todas se tinham postado na sua frente, e não havia sido por acaso, ou por terem pensado, quando na Conservatória Geral entraram, que o funcionário ausente talvez fosse mais simpático e acolhedor do que os que estavam à vista ao longo do balcão, mas porque esses mesmos lhes haviam apontado que era ali que deveriam dirigir-se. Como o regulamento interno determinava que o atendimento das pessoas teria prioridade absoluta sobre o trabalho de mesa, o Sr. José foi para o balcão, sabendo que atrás de si iriam continuar a chover papéis. Estava perdido. Agora, depois da advertência agastada do conservador e da subsequente punição, mesmo que inventasse o nascimento impossível de um filho ou a morte duvidosa de um parente, podia tirar da cabeça qualquer esperança de que o autorizassem nos tempos próximos a sair mais cedo ou a entrar mais tarde uma hora, meia hora, um minuto, que fosse. A memória, nesta casa de arquivos, é tenaz, lenta a esquecer, tão lenta que nunca chegará a olvidar nada por completo. Tenha o Sr. José, daqui a dez anos, uma distracção, por muito insignificante que seja, e verá como alguém lhe recordará logo todos os pormenores destes desafortunados dias. (...) Para o Sr. José, o restante deste dia foi como um penoso calvário, forçado de trabalhos, angustiado de pensamentos. (SARAMAGO, 1997, p. 79-80)

Nesta história, sem o amparo do sonho, da invenção e da fantasia, nenhuma transgressão existiria, e dificilmente este sujeito seria outra coisa que não servil político, crente no institucional do nascimento à morte. Felizmente, o narrador de *Todos os nomes* possui os olhos e ouvidos do Sr. José, assim, vemos o sistema se transformar claramente quando é o sujeito quem muda a sua percepção conformada. Quando o Sr. José começa sua busca, seus aprendizados vão precisar sabotar a instituição e, inclusive, as capacidades funcionais desenvolvidas nas disciplinas prepararam uma falsificação de documento, aproveitando que “vinte e cinco anos de quotidiana prática caligráfica sob a vigilância de oficiais zelosos e subchefes exigentes tinham-lhe valido um domínio pleno das falanges” (SARAMAGO, 1997, p. 56-57). Rapidamente se apodera dos discursos restritos do Conservador, e lhe usurpa discurso, autoridade, e assinatura

em nome dos poderes que me foram conferidos e que debaixo de juramento mantenho, aplico e defendo, faço saber, como Conservador desta Conservatória Geral do Registo Civil, a todos quantos, civis ou militares, particulares ou públicos, vejam, leiam e compulsem esta credencial escrita e firmada de meu punho e letra, que Fulano de Tal,

auxiliar de escrita a meu serviço e da Conservatória Geral que dirijo, governo e administro, recebeu diretamente de mim a ordem e o encargo de averiguar e apurar tudo quanto diga respeito à vida passada, presente e futura de Fulana de Tal, nascida nesta cidade a tantos de tal, filha de Beltrano de Tal e de Cicrana de Tal, devendo, portanto, sem mais comprovações, serem nele reconhecidos, como seus próprios, e por todo o tempo que a investigação durar, os poderes absolutos que, por esta via e para este caso, delego na sua pessoa. Assim o têm exigido as conveniências do serviço conservatorial e o decidiu a minha vontade. Cumpra-se. (SARAMAGO, 1997, p. 57)

Vê-se que a burocracia tanto oprime que falha em controlar. Frente às vivências da pós-modernidade os sistemas disciplinares nas instituições em geral parecem problemáticos. Foucault descreve o sistema de ensino como uma “ritualização da palavra, uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam na constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso” (FOUCAULT, 1998, p. 44). Se o objetivo do poder disciplinar com base nos regimes administrativos consiste em manter “as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidades e os prazeres do indivíduo”, assim como sua saúde física e moral, suas práticas sexuais e sua vida familiar (HALL, 2006, p. 42), suas táticas já não são mais suficientes para frear as percepções e experiências na pós-modernidade.

O Sr. José em posição de espião e invasor noturno da escola em que a mulher desconhecida estudara na infância encontra a primeira instituição de aprendizado da ordem das verdades sociais, e inicia a destruição de sua antiga e intrincada ideia de ordem e verdade. O valor pessoal que a ação da transgressão e o enfrentamento dos medos agregam à personalidade do Sr. José é aprendizado incomparável, “o assalto à escola contribui de forma decisiva para que o narrador comece a respeitar o Sr. José como ser humano pensante e lhe reconheça capacidades intelectuais até então quase ignoradas” (COSTA, 2012, p. 38).

Nesta história é apenas ao adentrar o território da morte (Cemitério) que toda a “verdade” desta busca se apresenta; assim, a verdade se desvela passageira, alternativa e momentânea como a vida. O cemitério se configura como um novo registro de nascimento para as concepções do Sr. José, pois ali compreende que a realidade (“o verdadeiro”) é uma das formas de percepção e ilusão. No encontro com o personagem Pastor é que o Sr. José toma de fato consciência que a verdade é um jogo. O Sr. José transforma-se num jogador e descobre que dados como o nome, os números e a morte podem torna-se invenção. Esta é a maior das lições que recebe. Para Costa, (2012) o Sr. José, ao trocar os números das sepulturas, apreende o que “a alienação a que esteve sujeito durante muitos anos não o deixava perceber: a verdade do poder não é necessariamente a verdade dos homens anônimos e vice-versa” (COSTA, 2012, p. 84).

A transgressão está contida nas invenções. Descobrir o nome que se tem não é descobrir um rótulo, mas o potencial de ser sem haver identidade e história acabada. Todos os nomes estão ao alcance da invenção. A importância histórica se dá na própria existência do sujeito, quando

este muda a sua percepção histórica. O Sr. José, ao final, além de trazer administrativamente a mulher desconhecida de volta à vida, consegue o feito de um herói, ou um anti-herói (nas qualidades contraditórias), quando o conservador torna relativo o próprio poder que ele representa ao legitimar as irregularidades cometidas pelo subalterno.

Para Costa (2012) o caminho que o Sr. José escolheu foi o do sonho, escapando ao “hábito das pequenas coisas”, onde o “medo marca a construção da[S] identidade[S] do protagonista, e a transgressão é signo dessas identidades” (COSTA, 2012, p. 84). O vazio é progressivamente preenchido com as inexpectáveis potencialidades do Sr. José, e ele pode ser outras pessoas,

o auxiliar de escrita veste a pele do detetive, mas também do criminoso, do intrusão que se esconde por trás de uma credencial, do amigo da senhora do rés-do-chão direito (com quem se preocupa), do homem à beira de uma relação de amor (que nunca se concretiza), do funcionário capaz de liderar o seu próprio chefe e de contornar o poder e, por fim, do ser que passa a conhecer-se (COSTA, 2012, p. 84).

Procurar conhecer não implica conhecer, mas procurar, assim como visto no decorrer destas reflexões, faz do Sr. José um artista, pois suas buscas problemáticas, decisões, dilemas, experimentações e desprendimento das regras adquire uma licença poética. O Sr. José encontra motivos revisionistas, excitação, liberdade e autonomia para pensar e agir de forma diferente sob o viés da invenção. Neste encontro com o acaso, a busca e a transgressão, o Sr. José acaba por substituir sua compreensão da verdade como ordem pela compreensão da verdade como um jogo, nesta troca algo extremamente político acontece, pois ele acaba por obter, enquanto sujeito, brechas para atentar às suas possibilidades de autonomia.

O extinguir ou modificar de sistemas instauradores de normas sempre irá configurar falhas nas relações de diferença entre os indivíduos, logo, a transgressão se configura tão essencial quanto as ordenações do sistema. É interessante pensar como a função social de haver leis rígidas possibilita que haja a experiência da transgressão e da diferença apenas a quem realmente sente uma necessidade de olhar e experienciar além das liberdades convencionadas.

O Sr. José passa a viver pela sua invenção e problematiza nela sem viver a depressão das postulações objetivas do discurso comum. A desilusão é uma violência, no entanto, o Sr. José não vai à frente do espelho julgar-se com discursos vitimistas. A invenção e a transgressão lhe salvam a vida. Pensar a criação de realidades pessoais pela arte não isenta a dominação, mas apresenta muitos desvios possíveis. Assim, certas transgressões não podem ser tão más quanto a falta de sensibilidade para encontrar experiências de reinvenção.

Enquanto uma parte da sua consciência ia dando acertadamente explicações ao público, preenchendo e carimbando documentos, arquivando verbetes, a outra parte, monotonicamente, maldizia a sorte e o acaso que tinham acabado por transformar em mórbida curiosidade algo

que não chegaria sequer a tocar ao de leve a imaginação duma pessoa sensata, equilibrada de cabeça. O chefe tem razão, pensava o Sr. José, os interesses da Conservatória devem ser postos por cima de tudo, vivesse eu duma maneira ajuizada, normal, e certamente não me teria posto, com esta idade, a fazer colecções de actores, bailarinas, bispos e jogadores de futebol, é estúpido, é inútil, é ridículo, bonita herança aquela que vou deixar quando morrer, felizmente que não tenho descendentes, o mau de tudo isto, se calhar, vem de viver eu sem companhia, se tivesse uma mulher. Chegado a este ponto, o pensamento interrompeu-se, depois tomou por outra via, um caminho estreito, confuso, à entrada do qual se pode ver o retrato de uma menina pequena, ao fim do qual deverá estar, se estiver, a pessoa real duma mulher feita, adulta, que tem agora trinta e seis anos, divorciada, E para que a quererei eu, para quê, que faria eu com ela depois de a ter encontrado. O pensamento cortou-se outra vez, desandou bruscamente os passos que dera, E como crês tu que a encontrarás, se não te deixam ir procurá-la, perguntou-lhe, e ele não respondeu, naquela altura estava ocupado a informar a última pessoa da fila de que a certidão de óbito que tinha pedido estaria pronta no dia seguinte. Contudo, há perguntas tenazes, que não desistem, e esta voltou a atacá-lo quando ele, cansado de corpo, exaurido de ânimo, entrou enfim em casa. (SARAMAGO, 1997, p. 80-81).

\* Luana de Oliveira Andrade é Mestranda em Artes Visuais (PPGART — UFSM, Poéticas Visuais, Linha de Pesquisa Arte e Visualidade). Graduada em Artes Visuais — Bacharelado (UFSM, 2013). É integrante dos Grupos de Pesquisa em Artes: Momentos-Específicos, e Arte Impressa. Realizou exposições em Santa Maria/BR, Porto Alegre/BR, Montevideo/UY, Porto/PT. Desenvolve pesquisas com ênfase no Desenho e Livro de Artista.

\* Helga Correa é Doutora em Arte pela Universidade de Barcelona — Espanha (2012). Professora Adjunta I do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria RS. Professora no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Mestrado (PPGART/CAL/UFSM), na Linha de Pesquisa: Arte e Visualidade. Líder do Grupo de Pesquisa Arte Impressa (CNPq). Desenvolve pesquisas com ênfase na Gravura Contemporânea e no Ensino da Arte.

